

# Considerações sobre a Educação de Jovens e Adultos e os Desafios para o Novo Milênio

Eduardo Jorge Lopes da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho se propõe fazer uma singela reflexão em cima de alguns desafios que a EJA tem para esse novo milênio. Todavia, procuramos deixar claro que esses ‘novos’ desafios não são tão ‘novos’ assim, e a falta de uma política séria para a EJA, no Brasil, conserva um grande contingente de analfabetos. Para isto, tomamos como pano de fundo a política neoliberal que vem ditando as regras no atual contexto político: ‘regional’, ‘nacional’ e ‘mundial’. Deste modo, fica evidente no corpo do trabalho que as políticas mundiais vigentes influenciam nas decisões de cada região ou país no que se refere ao tema aqui proposto, entre outros. Assim, buscamos a contribuição de alguns autores/estudiosos do assunto em foco, cujos trabalhos nos garantiram uma melhor sistematização do assunto. Por fim, são apontados alguns reptos para a EJA nesse novo milênio, como também, o texto deixa espaços para que o leitor possa dar sua contribuição.

**Palavras-chaves:** EJA, globalização, política.

## 1. Recordando um pouco da história

Historicamente, a Educação de Jovens e Adultos (EJA)<sup>1</sup> teve uma efervescência maior no final da década de 50 e início dos anos 60. Grandes empenhos houve por parte da esfera governamental e, principalmente, por parte dos grupos populares.<sup>2</sup> Estudo realizado (PAIVA, 1987) sobre esse período revela que na década

---

<sup>1</sup> Universidade Federal da Paraíba

<sup>1</sup> Lê-se Educação de Jovens e Adultos.

<sup>2</sup> As iniciativas populares (ONG'S, sindicatos diversos etc.), possuem, historicamente, um papel importante na questão da Educação de Jovens e Adultos e na Educação Popular. Esses segmentos têm-se preocupado em oferecer educação de qualidade para a maioria dos excluídos da população, como, também, tentar erradicar o analfabetismo no país e, além do mais, construir e reorganizar as classes populares para o exercício da cidadania.

Assim sendo, as políticas públicas geradas por diversos desses segmentos têm, em muitos casos, garantido empenhos satisfatórios, isso considerando os baixos e escassos recursos financeiros que dispõem para desenvolver suas atividades. Os desempenhos desses grupos são exemplos de que, quando se tem objetividade e interesse político, é possível atacar o problema de forma efetiva e não, apenas, com medidas paliativas. Como exemplo, podemos destacar a atuação do Projeto Escola Zé Peão com seus programas de alfabetização e pós-alfabetização em canteiros de obras na cidade de João Pessoa, Paraíba. Entretanto, essa questão (da vontade) política nos faz recordar de uma entrevista de Dona Ruth Cardoso (Presidenta da Comunidade Solidária) concedida à Revista Educação, onde, questionada sobre a

de 60 surgiram vários programas e campanhas de educação cujo alvo foi o adulto ou a sua alfabetização.

Certamente, vários fatores provocaram esse interesse pela educação de adultos. Entre eles está o rompimento do governo federal com o FMI (1959), o qual causou no Brasil um sentimento nacionalista que ultrapassou os limites da elite, atingindo os meios populares urbanos e rurais que despertaram para, entre outros, o problema do voto do analfabeto e da representatividade do sistema, face ao grande índice de analfabetismo existente no país.

Nessa época, anteriores às eleições presidenciais de 1960, grupos se organizaram e promoveram programas de educação de adultos e o governo, preocupado com esse fato, promoveu o II Congresso Nacional de Educação de Adultos.

Entretanto, foi após as eleições de 1960, no governo de Jânio Quadros, que a EJA obteve maior atenção. Criaram-se programas destinados à educação dos adultos, como o MEB (Movimento de Educação de Base) e o MNCA (Mobilização Nacional Contra o Analfabetismo) e a igreja Católica interessou-se pela educação das massas. Com a renúncia de Jânio Quadros e a posse de João Goulart, o problema da educação dos adultos continuou alvo do novo governo até a promulgação da LDB 4.024/61, que determinava à ação federal apenas cooperar financeiramente com os programas, dar assistência técnica e pesquisa pedagógica.

Preocupados com tal medida e com a participação política das massas e, com a tomada do processo de consciência da problemática da educação de adultos, intelectuais, políticos e estudantes criaram no país os Movimentos de Cultura Popular (MCP) e os Centros Populares de Cultura (CPC), entre outros. Também, nessa época, tivemos o surgimento do Método Paulo Freire, a Campanha “de Pé no Chão também se Aprende a Ler”, entre outras iniciativas. Foi uma época de grande mobilização popular em prol da educação de adultos, sem deixar de considerar a necessidade de instrumentalizar a massa para o trabalho.<sup>3</sup>

---

dificuldade de erradicar o analfabetismo no Brasil, deu a seguinte resposta: “O analfabetismo é um problema muito antigo no Brasil, os números são ainda extraordinários. Por isso, nossa proposta não é de erradicar o analfabetismo, mas contribuir para uma diminuição dessa taxa”. (CARDOSO, 1999).

Infelizmente, diminuir a taxa do analfabetismo no país, sem a sua erradicação é, de certa forma, não dar a devida importância que a questão exige. Saber que o problema é histórico todos nós sabemos, como também sabemos que não resolvê-lo faz parte da história política desse país. É inadmissível que, em plena era de avanço tecnológico mundial, nas diversas áreas, ainda temos que amargar um grande contingente de seres humanos que não possuem o domínio da *lecto-escrita*, dentre outros elementos.

<sup>3</sup>Cf. PAIVA, 1987, p. 203-243.

Dando um salto na cronologia da história que até então vínhamos desenvolvendo, hoje, encetando um novo milênio, temos alguns desafios de cunho técnico-sócio-político e educacional a serem enfrentados. Entre esses, as causas da globalização na sociedade em todo o mundo, sem dúvida, têm sido motivo de debates em nível mundial entre as agências e ONG's que promovem a valorização do ser humano nas suas diferentes dimensões, isto porque, a forma pela qual se tem universalizado tal política, não está respeitando as especificidades de países pobres, que ainda não conseguiram sanar questões “mínimas” para uma melhor qualidade de vida de sua população, especialmente, os membros da classe popular. Entre essas questões “mínimas”, concordamos com o seguinte argumento:

No momento em que os efeitos devastadores de uma globalização técnico-informática são acrescidos às justificativas econômicas da ‘necessidade imperiosa’ de um ajuste nas contas públicas para a consecução de um Estado ‘mínimo’ – crescentemente descompromissado com o provimento da educação (da saúde, da moradia, da segurança...) – constatamos uma vez mais, a perpetuação ‘natural’ da exclusão social no Brasil. Avolumam-se os amplos contingentes dos ‘sem’: ‘sem teto’, ‘sem-escolarização’, ‘sem-emprego’, ‘sem-terra’[...]. (SCOCUGLIA, 1999, p. 101).

A seguir, tentaremos refletir sobre o fenômeno da globalização, sem perder de vista a EJA e seus desafios frente ao contexto vigente.

## **2. A Globalização e a EJA**

Achamos oportuno refletir um pouco sobre o significado da palavra ‘globalização’, uma vez que esta tem sido modismo e, paralelamente, seu sentido sofreu alguns desgastes devido ao uso corriqueiro de alguns. Nos dias atuais responsabiliza-se a globalização por tudo. A globalização não só se refere ao conteúdo econômico da palavra. Consultando o dicionário Aurélio, encontramos o seguinte significado:

S. f. 1. Ato ou efeito de globalizar. 2. Econ. Processo típico da segunda metade do séc. XX que conduz a crescente integração das economias e das sociedades dos vários países, especialmente no que toca à produção de mercadorias e serviços, aos mercados financeiros, e à difusão de informações. As novas tecnologias de comunicação e de processamento de dados contribuíram enormemente para a globalização. (FERREIRA, 1999, p. 991)

Portanto, se entendermos que a globalização é o ato ou efeito de integração, podemos, desta forma, acreditar em um significado mais amplo desta palavra,<sup>4</sup> porém não descartamos, no âmbito da economia e do comércio, que seus efeitos têm sido penosos para um contingente considerável da população mundial, principalmente, as massas populares. Com este entendimento, trazemos uma definição para a palavra globalização, com a qual concordamos e a mesma expressa nosso argumento anterior: “colocada de uma forma simples, entendemos por globalização a integração de economias locais e nacionais num mercado global” (GREEN *apud* IRELAND, 2000, p. 12). A partir desta concepção, não podemos associar alguns fatores internos apenas às políticas internas de um país, uma vez que, vivendo uma política mundial, integralizada, essas tais políticas internas sofrem, certamente, influências diretas desta outra maior, de cunho planetário. Assim, nossa reflexão quer dizer o seguinte:

A integração de economias locais e nacionais num mercado global também exige um tratamento global tanto para as conseqüências negativas como para as benéficas. Em outras palavras, a responsabilidade pela pobreza no norte ou nordeste do Brasil, da Etiópia, do Bangladesh ou da China não pode mais ser atribuída somente aos governos locais e às suas políticas mal concebidas, mas, também, à comunidade internacional. A riqueza e os altos padrões de consumo dos estados Unidos da América e dos outros países do G7 (Canadá, Japão, Alemanha, França, Inglaterra e Itália) são umbilicalmente relacionadas à fome e à pobreza cruel de povos em outras regiões do mundo. (IRELAND, 2000, p. 14)

Sem dúvida nenhuma, o processo de globalização tem causado efeitos constrangedores a todos os países (seja esse rico ou pobre), de cunho eminentemente social<sup>5</sup> e, como dizia Paulo Freire, “ferindo a ética universal do ser humano” (FREIRE, 1997, p. 146). Isto revela que não podemos deixar de considerar as especificidades sócio-econômica-culturais de cada país, de cada nação. Assim sendo,

A globalização tem conseqüências negativas marcantes, das quais destaco a crescente vulnerabilidade externa e a agravação da exclusão social. Nos

---

<sup>4</sup> Assim sendo, podemos conceber a globalização da miséria, da fome, a globalização do desrespeito aos direitos humanos etc.

<sup>5</sup> Não deixamos de reconhecer que o processo de globalização tem causado avanços tecnológicos nos campos da informática, da medicina, da genética etc., e, paralelamente, não tem sido capaz de chegar às massas e atender às suas necessidades. Como exemplo disto, é comum nas filas dos hospitais públicos, conveniados ao Sistema Único de Saúde, encontrarmos pessoas sendo atendidas de forma precária, sem muito ou quase nenhum recurso tecnológico. Enquanto isso, nas clínicas particulares, o alto maquinário e instrumentos de última geração, produtos do avanço da tecnologia, têm propiciado uma maior estimativa de vida para uma fração mínima da nossa sociedade, ou seja, para a classe dominante.

Estados Unidos, a exclusão social se manifesta como concentração da renda e da riqueza, e, na Europa ocidental, como desemprego aberto. (FURTADO, 2000, p. 74)

Até este ponto do texto, o leitor deve estar se perguntando: onde entra a EJA nesta tela até aqui pintada? Aí é que está! O Brasil, ainda entrando no novo milênio, amarga uma fração considerável de seus habitantes sem nenhum domínio da *lecto-escrita*. Isto, sem considerar os analfabetos da informática que vem crescendo no país em virtude do crescimento da informatização em diversos setores. Entretanto, diante de todo fervor tecnológico vivido no mundo globalizado, que alternativas temos construído para erradicar o analfabetismo no país? Que políticas públicas eficazes têm-se aplicado para combater este problema?

As arguições são muitas, todavia, o fato demonstra que o mínimo feito para atacá-lo não surtiu os efeitos esperados. Paralelamente, os efeitos da globalização trouxeram um mundo virtual e eletrônico para a sociedade e o aumento dos índices de pobreza, como, também, a possibilidade de encontrarmos computadores nas escolas, nos bancos, supermercados, porém, nem todos tendo acesso a este meio de comunicação e informação eletrônica.

As conseqüências desse processo são muitas, se imaginarmos nossa sociedade atual onde quem não possui um bom nível de escolarização e um bom “apadrinhamento” está, sem nenhuma dúvida, sujeito à exclusão social, aos baixos salários entre outras mazelas. Concomitantemente a isto, está se criando uma geração de analfabetos da informática e, desta forma, a predominância da exclusão social. Um estudo sobre o assunto reforça nosso argumento, no tocante às conseqüências promovidas pela política de globalização, no âmbito social:

[...] a maioria das pessoas que vai nascer no próximo século nunca vai chegar a usar um computador, receber tratamento médico ou viajar de avião. Essas pessoas terão sorte de aprenderem a usar um lápis e papel e mais sorte ainda se forem tratadas com algum medicamento mais caro do que uma aspirina. (RORTY *apud* IRELAND 2000, p. 13)

Estas e outras conseqüências provocadas pelo processo de planetarização da economia, aliadas aos problemas sócio-educacionais dos países em emergência, certamente requererão dos grupos governamentais e, principalmente, dos não-governamentais que fazem EJA neste país e no mundo, a “trancos e barrancos”, uma

maior influência e pressão nas políticas públicas voltadas para a educação e para o âmbito social, como também, ações das comunidades internacionais.<sup>6</sup>

Não é, pois, em vão, que as agências de valorização e promoção do **ser humano** de todo o mundo se reuniram, às portas desse novo milênio, em Porto Alegre/RS,<sup>7</sup> para pensar, debater e buscar alternativas ou mesmo soluções para combater os efeitos lesivos e desumanos da globalização. Em contrapartida, a cúpula do capital se encontrava discutindo em Davos (Suíça) os rumos de sua política totalizante para este novo século e milênio. Eis aí, então, alguns indícios dos novos e velhos desafios da EJA para esses novos anos do milênio que se inicia.

### 3. Nota final: os novos e velhos desafios para a EJA no novo milênio

Como foi visto no item anterior, os desafios da EJA para esse novo milênio exigirá da sociedade (interna e externa) uma maior participação e empenho nas políticas públicas regionais e planetárias. Entre os vários empenhos e ações, destacamos alguns e incluímos outros que fizeram parte dos encaminhamentos e moções aprovados em plenária no II ENEJA:<sup>8</sup>

1. Erradicação do analfabetismo entre os jovens e adultos;
2. Construção e promoção do exercício da cidadania entre todos do meio popular;
3. Qualidade de vida e qualidade escolar para os membros da classe popular;

---

<sup>6</sup> Cf. IRELAND, 2000, p. 4.

<sup>7</sup> O Fórum Social Mundial, realizado no final do mês de janeiro de 2001, discutiu e refletiu os problemas sociais enfrentados por diversos países, ali representados, por suas ONG's e outras entidades de promoção e valorização do ser humano, a saber: os problemas causados pelo processo de globalização, decorrente das políticas neoliberais, que vem contribuindo, entre outros fatores, para o aumento da fome, da miséria em países de economias frágeis e que não conseguiram, ainda, resolver problemas sociais urgentes (saúde, moradia, alimentação, reforma agrária etc.).

<sup>8</sup> O II Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos (II ENEJA) aconteceu no último mês de setembro do ano de 2000 na cidade de Campina Grande/Paraíba. Este se caracterizou como “um importante espaço público de discussão da EJA, significando um esforço de organização nacional para manter o debate em torno das questões centrais desse campo” (Relatório-síntese II ENEJA).

4. Acesso indiscriminadamente aos meios de informática;
5. Combate ao analfabetismo tecnológico principalmente entre os contingentes populares;
6. Respeito às individualidades dos alunos-adultos;
7. “Que as ONGs, Sindicatos e Movimentos que desenvolvem Programas/Projetos de EJA articulem a ação educativa/pedagógica com a ação política, visando incidir nas políticas públicas educacionais”;<sup>9</sup>
8. “Enfatizar a compreensão de que a EJA não se restringe ao período de alfabetização, mas que se constitui em um direito e, portanto, deve se dar ao longo da vida”;<sup>10</sup>
9. “Incluir na discussão de políticas públicas as demandas do portador de necessidades especiais nos programas de atendimento previsto na EJA”;<sup>11</sup> entre tantas outras.

Deste modo, então enfatizamos, são diversas questões (ou desafios) que poderíamos apontar como norte de ações para resolver tal fato.

E, por último, gostaríamos de deixar uma frase para reflexão e motivação para prosseguirmos com o trabalho em EJA, mesmo que o que tenhamos de enfrentar seja a tão injusta e nefasta política mundial:

Devemos reconhecer nossa situação histórica e abrir caminho para o futuro a partir do conhecimento de nossa realidade. A primeira condição para liberar-se do subdesenvolvimento é escapar da obsessão de reproduzir o perfil daqueles que se auto-intitulam desenvolvidos. É assumir a própria identidade. Na crise de civilização que vivemos, somente a confiança em nós mesmos poderá nos restituir a esperança e chegar a bom porto. (FURTADO, 2000, p. 67).

**Abstract :** This work intends to do a simple reflection on top of some challenges that EJA has for that new millennium. Though, we tried to leave clear that those 'new' challenges are not so 'new' like this and, the lack of a serious politics for EJA in Brazil, preserve a great contingent of illiterate. For this, we took as backdrop the globalization politics that is dictating the rules in the current political context: 'regional', 'national' and 'worldly'. This way, it is evident in the body of the work that the effective world politics, influence at the decisions of each area or country in what he/she refers here to the theme proposed, among others. Like this, we looked for the contribution of some author of the subject in focus, whose works guaranteed us a better systematization of the subject. Finally, they are pointed some challenge for EJA on that new millennium, as well as, the text leaves spaces so that the reader can give your contribution.

**Keywords:** YEA, globalization, politics.

---

<sup>9</sup> Relatório-síntese do II ENEJA.

<sup>10</sup> Op. Cit Relatório-síntese do II ENEJA.

<sup>11</sup> Op. Cit. Relatório-síntese do II ENEJA.

### Referências

- CARDOSO R. Ruth Cardoso: entrevista [dez. 1999]. Entrevista concedida à Revista Educação, ano 26, nº 224, p. 4-7, dez./1999.
- ENCONOTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, 2, 2000, Campina Grande. *Relatório-síntese*. Mimeografado.
- FERREIRA, A. B. H. Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa. 3 ed. ver. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FREIRE, P. Ensinar exige reconhecer que a educação é ideológica In: \_\_\_\_\_ *Pedagogia da Autonomia*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, p. 141– 152, 1996.
- FURTADO, C. *Capitalismo Global*. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- IRELAND, T. D. A história recente da mobilização pela educação de jovens e adultos no Brasil à luz do contexto internacional. In: *Alfabetização e cidadania: Revista de Educação de Jovens e Adultos: história e memória*. São Paulo, n. 9, p. 09 – 22, mar. 2000.
- \_\_\_\_\_. *O analfabetismo na Era da Globalização*. João Pessoa:UFPB mimeografado.
- PAIVA, V. P. A educação de adultos. In: \_\_\_\_\_ *Educação Popular e Educação de Adultos*. São Paulo: Loyola, p. 203 – 243, 1987.
- SCOCUGLIA, A. C. Exclusão Social e Educação Popular no Brasil-500. In: SCOCUGLIA, A. C., NETO, J. F. de M. *Educação Popular: outros caminhos*. João Pessoa: Editora Universitária, p. 101 – 110, 1999.